

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM SEAN CONNERY
4 e 12 de janeiro de 2021

DIAMONDS ARE FOREVER / 1971

(Os Diamantes São Eternos)

um filme de Guy Hamilton

Realização: Guy Hamilton / **Argumento:** Richard Maibaum e Tom Mankiewicz / **Fotografia:** Ted Moore / **Efeitos Especiais:** Leslie Hillman e Whitney McMahon / **Direção Artística:** Ken Adam / **Montagem:** Bert Bates e John W. Holmes / **Música:** John Barry; canção com letra de Don Black cantada por Shirley Bassey / **Genérico:** Maurice Binder / **Intérpretes:** Sean Connery (James Bond), Jill St. John (Tiffany Case), Charles Gray (Blofeld), Lana Wood (Plenty O'Toole), Jimmy Dean (Willard White), Bruce Cabot (Bert Saxby), Putter Smith (Mr. Kidd), Bruce Glover (Mr. Wint), Norman Burton (Leiter), Joseph Furst (Dr. Metz), David Bauer (Slumber), Bernard Lee (M), Desmond Llewelyn (Q), Leonard Barr (Shady Tree), Lois Maxwell (miss Moneypenny), Margaret Lacey (Mrs Whistler), Joe Robinson (Peter Franks), Donna Garratt (Bambi), Trina Parks (Thumper), David De Keyser (doutor), Laurence Naismith (sir Donald Munger).

Produção: Harry Saltzman e Albert R. Broccoli, para a United Artists / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, com legendas electrónicas em português, 121 minutos / **Estreia Mundial:** Berlim (RFA), em 14 de Dezembro de 1971 / **Estreia em Portugal:** cinema S. Jorge, em 25 de Dezembro de 1971.

Frustrada a tentativa de Sean Connery em se impor como associado de Saltzman e Broccoli na produção da série James Bond, de cujo sucesso ele se considerava (e com grande parte de razão) responsável, o actor recusou-se a participar no novo filme da série. Não querendo abdicar de todas as percentagens da sua mina de ouro, os produtores lançaram-se em busca de um novo actor que desse corpo a 007. Uma tentativa de arranjar uma estrela de prestígio, Richard Burton (!!!), falhou (e, francamente, ainda bem!), a que se sucederam dois "desconhecidos", respectivamente Adam West (nem mais nem menos do que o "Batman" da televisão), e John Richardson, um britânico com passagem por Itália (onde interpretara a obra-prima de terror de Mário Bava, **La Maschera del Demónio/A Máscara do Demónio**), que acabaram por pôr de lado. A escolha acabou por recair num estreante, o australiano George Lazenby (por ter sido o único a trunfar na prova a que todos os candidatos foram sujeitos; um teste com uma cena de luta), o que, em princípio, não era má ideia, pois tratava-se de "recriar" inteiramente a figura de 007. O resultado, porém, ficou muito aquém das expectativas, dado que o público não "aceitou" a transformação e também porque ao actor faltava-lhe o "carisma" e o talento para impor a sua figura. Daí que Saltzman e Broccoli tenham tentado encontrar novo intérprete para a personagem. John Gavin e Burt Reynolds foram os convidados mas não resultou. Entra em cena o presidente da United Artists, David Picker, que tinha um peso a ter em conta na produção da série, e que estava disposto a pagar qualquer preço para ter de novo Sean Connery. Este acabou por aceitar mas com condições draconianas; primeiro um salário astronómico para o tempo: um milhão de dólares, mais 10.000 por semana de atraso na rodagem, segundo, uma

percentagem nos lucros de que parte seriam para um fundo que ele ajudara a criar, para cuidar das crianças pobres na Escócia (memória da sua própria infância que também fora dura). E, finalmente, a obrigatoriedade da United Artists produzir dois filmes com ele, fora da série (de que resultaria o magnífico **The Offence**, realizado por Sidney Lumet em 1972). Para a realização, Saltzman e Broccoli foram buscar o director do maior êxito da série até então, **Goldfinger**: Guy Hamilton, e, pela primeira vez, parte do filme foi rodado nos Estados Unidos. O resultado do trabalho foi um êxito excepcional, tendo o filme feito mais de 30 milhões de dólares só no primeiro ano de exploração. Apesar disso, Sean Connery daria, no final, um adeus “definitivo” à personagem. Um gesto inteligente porque o “peso” da idade começa a fazer-se sentir sobre o físico da personagem. Contudo, sabe-se o que aconteceu ao novo “nunca mais”, mas isso é outra história e o resultado não faz parte do cânone bondiano: trata-se de uma produção à sua margem e que dá, ironicamente, pelo nome de **Never Say Never Again/Nunca Mais Digas Nunca**.

A despedida de Connery da série faz-se com um dos seus filmes mais insólitos. **Diamonds Are Forever** oferece uma série de situações e personagens que trazem um matiz novo às aventuras do agente secreto. Por um lado, Connery reforça o tom cínico da personagem quase até à caricatura, especialmente em certas cenas de acção, com as do habitual episódio pré-genérico com o seu novo encontro com Blofeld, aqui interpretado por Charles Gray; segundo, as cenas de acção desenvolvem ideias e situações dos seus filmes anteriores, em especial as de **Dr. No** (o final na plataforma petrolífera), **From Russia With Love** (a luta feroz de Bond com Peter Franks/Joe Robinson, de quem tomara a identidade, no elevador, com a mesma brutalidade e ritmo da de Connery com Robert Shaw, naquele filme) e **Goldfinger**. Bond, nesta sua nova aventura investiga a desapareição de diamantes das minas da África do Sul até Amesterdão e vai encontrar a pista de Blofeld. Pelo meio surgem as inevitáveis “Bond Girls” e os não menos inevitáveis vilões sádicos e brutais. Mas estes surgem aqui com uma particularidade que, desde logo, marca a diferença em relação aos anteriores, em particular a sinistra dupla Mr Kidd (Putter Smith) e Mr Wint (Bruce Glover), uma dupla homossexual (a relação é transparente após o primeiro assassinato em África, quando partem de mãos dadas horizonte fora!) e a quem estão reservadas algumas tiradas especiais (os comentários que fazem após os crimes, em especial quando colocam Bond num caixão em direcção ao forno crematório), e a quem está reservado também um fim grotesco no episódio de epílogo (um transformado em tocha humana, e o outro feito em picado pela explosão da bomba), a bordo do barco que leva Bond e Tiffany (Jill St. John) para Inglaterra. A esta dupla junta-se outra, com as mesmas características, mas do sexo feminino: Bambi (Donna Garratt) e Thumper (Trina Parks), guardas do milionário Willard White (Jimmy Dean), preso por Blofeld. O nome das duas lutadoras-acrobatas que põem em xeque James Bond referem-se às personagens do filme de animação de Disney.

Como despedida para Sean Connery, **Diamonds Are Forever** foi um trabalho eficaz, mas o actor tinha outros projectos. O tempo da mudança da figura de James Bond chegara de vez, e ao longe desenhava-se a silhueta de um certo “Santo”, papel que fizera a glória de Roger Moore (que, curiosamente, fora um dos primeiros a serem considerados para interpretar a personagem aquando da escolha de Sean Connery).

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico